

A sugestão de MacNamar

15 JUL 1983

*Economia
Brasil*

por Getúlio Bittencourt
de Brasília

O sistema partidário brasileiro, e por extensão a sucessão presidencial, imbricou-se com a crise econômica na última terça-feira, quando o subsecretário do Tesouro dos Estados Unidos, Richard T. MacNamar, telefonou para um dos ministros da área econômica e informou que, sem uma redução no peso inflacionário dos salários, seria impraticável o acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI).

Da mesma forma o governo norte-americano não poderia fazer um empréstimo-ponte para que o Brasil pague os US\$ 411 milhões que deve ao Banco para Compensações Internacionais (BIS), e um novo empréstimo-jumbo, de US\$ 3,5 bilhões, se transformaria num sonho impossível. A ligação de Washington produziu uma reunião com os ministros militares no Palácio do Planalto, na terça-feira, e o pacote econômico do dia

seguinte — e chegou ao conhecimento da cúpula do PDS através de dois ministros.

Segundo outro detalhe do telefonema, MacNamar demonstrou que havia lido a Constituição brasileira ao observar que o governo "poderia e deveria" invocar a segurança nacional para montar o novo pacote.

O decreto assinado pelo presidente João Figueiredo na quarta-feira, porém, terá de passar pelo Congresso até dia 30 de setembro, ou ser aprovado por decurso de prazo depois disso, e nas duas hipóteses é indispensável que o PDS, para empregar uma expressão militar, esteja unido e coeso.

Mas o PDS, como ilustra a atual disputa pela secretaria geral da comissão executiva entre a chapa oficial e a chapa dissidente "Participação", está profundamente dividido, num momento em que o atual quadro partidário desenha certos desdobramentos.

(Continua na página 3)

PARTIDOS

Leon. Brasil

A sugestão de MacNamar

por Getúlio Bittencourt
de Brasília
(Continuação da 1ª página)

São basicamente três os atuais fatores de desagregação partidária:

1. Os dissidentes do PDS são um "fruto da crise econômica", na opinião do presidente do partido, senador José Sarney, "porque na atual crise os pedidos dos políticos não podem ser atendidos pelo governo". Sobre esse caldo de cultura vem trabalhando o candidato "mais açodado" à sucessão presidencial, o deputado Paulo Maluf (PDS-SP).

2. O presidente João Figueiredo vem sendo convencido, por duas fontes diferentes, da crescente confiabilidade do PMDB como um interlocutor válido. Deputados influentes como o líder Nelson Marchezan e o pernambucano Thales Ramalho entendem que a sucessão deve ser um debate ampliado até os governadores opositores, e contam com a simpatia do chefe do Gabinete Civil, professor João Leitão de Abreu.

Por uma segunda vertente,

o ministro das Minas e Energia, Cesar Cals, e o deputado José Camargo (PDS-SP) encaminham conversações com a oposição em torno da emenda que permite a reeleição no Poder Executivo. Só o ministro Cals já conversou com meia dúzia de governadores opositores e sentiu, entre os do PMDB, o temor de que a eleição direta agora entregaria a Presidência ao governador fluminense Leonel Brizola. A extensão do debate sucessório à oposição, portanto, já começou.

3. O próprio PMDB está cindido entre o seu grupo parlamentar, originário, e os novos e poderosos cardais alçados pelo voto aos governos estaduais. Quando os governadores reuniram-se em Brasília para conversar a sério no Congresso, depois de visitarem o presidente Figueiredo, na quarta-feira, eles se trancaram numa sala onde não permitiram o acesso do presidente em exercício do partido, Teotônio Vilela, nem do secretário-geral, deputado Francisco Pinto (PMDB-BR), nem do senador Pe-

dro Simon (PMDB-RS). Na própria cúpula do PDS teme-se que o partido seja esvaziado com o eventual crescimento do embrionário Partido Democrático Progressista, que o ex-deputado Adhemar de Barros Filho tenta aglutinar, ou por uma ameaça ainda mais perigosa — a fundação de um novo partido pelo governador mineiro Tancredo Neves, que arastaria consigo partes do PDS e do PMDB, complicando incrivelmente a sucessão e o sistema de partidos.

"Nunca me procuraram tanto como agora para fundar um novo partido", reconheceu para este jornal o governador mineiro, que entretanto se recusa até mesmo a considerar a hipótese nas atuais circunstâncias. Ele acredita que o PDS acabará juntando seus cacós, esperança aliás compartilhada por diversos políticos do partido, como o ex-ministro Said Fahrat, que lembra com bom senso: "Possibilidade de divisão do PDS existe, mas não existe o interesse, porque ninguém quer ser minoria".